

DANTE ALIGHIERI CÂNONE OCIDENTAL

Luciano Maia

Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Literatura Brasileira pela UFC. Professor da UNIFOR. É escritor, professor de Língua Romena, Cônsul Honorário da Romênia em Fortaleza e membro da Academia Cearense de Letras.

A convite da nossa Academia Cearense de Letras, ei-nos aqui diante da tarefa de falar sobre um dos maiores nomes da literatura universal – Dante Alighieri. Tal incumbência nos honra e dignifica. Devemos, contudo, alertar para o fato de que discorrer sobre qualquer aspecto da vida ou da obra de Dante é empreitada árdua, não apenas em face de sua existência um tanto quanto obscura, em se tratando de alguns aspectos de sua vida pessoal, mormente do período em que viveu exilado, a partir dos quais pudéssemos dirimir muitas dúvidas remanescentes, como pela multifacetada validade de sua gigantesca obra.

Dante viveu entre 1265 e 1321. Apesar de, cronologicamente, este período inserir-se na Idade Média, o certo é que as manifestações da razão e do antropocentrismo fazem-se sentir na obra do florentino, como, ademais em outras obras coevas.

Não é nosso intuito, na economia deste trabalho, traçar um quadro, ainda que incompleto, da vida do homem e do poeta Dante Alighieri, tampouco de sua magnífica obra. Pretendemos apenas aduzir alguns dados, aliás supérfluos, face à inumerável publicação de obras sobre o autor da Divina Comédia, oriundas de mentes dedicadas aos estudos dantescos desde muitos séculos.

A obra de Dante Alighieri é, por si só, um universo extenso e profundo, de ressonâncias continuadas. Talvez possamos considerá-la o primeiro monumento literário digno do designativo de *cânone*, em se tratando de Ocidente. Certo é que antes de Dante houve, Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles, Heródoto, Cícero, Horácio, Lucrécio, Virgílio (este, o seu guia eleito em sua obra magistral) e muitos outros,

para citarmos alguns dos altos valores da literatura grega e da romana, entre historiadores, filósofos e poetas. Mas o nome de Dante se insere de modo mais eloqüente, a nosso ver, no quadro de referências culturais do Ocidente. O fato de se haver inaugurado uma nova forma e uma nova fôrma para a feição do poema pode ter sido determinante dessa tomada de perspectiva, desde o ponto de vista da apreciação de uma obra literária.

A Florença que viu nascer e crescer Dante Alighieri não podia adivinhar a dimensão futura de sua figura, mesmo se considerarmos que o ambiente político e econômico daquele tempo já desse sinais de uma nova configuração cultural e artística para a Itália, em particular, e para a Europa, como um todo.

Os *studia generalia* (plural de *studium generale*), embriões do que viriam a ser as futuras universidades, já haviam alcançado as principais cidades italianas. O estudo da medicina, do direito, da matemática, da astronomia e até da contabilidade iniciava o seu crescente aparecimento na vida social, não só na Itália, como em outros países europeus. Assim, não apenas a filosofia e a retórica, o grego e o latim eram objeto de estudo; eram os alvares de uma nova classe política (o terceiro estado, no dizer de alguns historiadores), que viria a constituir-se em adversário da nobreza e do clero na luta pelo poder político e econômico — a burguesia.

Os indicativos de que uma nova classe estava por irromper definitivamente na vida econômica e nos meios culturais europeus se faziam visíveis, inclusive nas relações de produção. Mas é nas artes que essa novidade se faz presente de maneira mais eloqüente: a partir daí, a pintura, a escultura, a arquitetura e a literatura terão, não só novas dimensões, como novos incentivos e novos destinatários. A isso tudo virá a dar-se o nome de *Renascimento*, corrente inovadora do modo de fazer cultura, que nasceu em Florença e alcançou, posteriormente, os principais centros europeus de difusão artística.

Donatello, na escultura, Brunelleschi, na arquitetura e a chamada trilogia florentina de Dante-Petrarca-Boccaccio são as referências que pretendemos destacar, como precursoras dessa nova concepção do fazer cultural e artístico, no âmbito de um movimento que se denominou *Humanismo*, no portal do *Renascimento*. Em outras palavras, eles são pré-renascentistas, ou ainda, fontes de referências aos pósteros.

Assim, é importante que tenhamos bem clara a inserção desses nomes no período que antecede ao Renascimento propriamente dito, em face da importância de que se revestem, ao considerarmos o alcance e a repercussão de suas obras.

* * *

A notável obra de Dante começa quase prematuramente: *VITA NUOVA*, uma série de poemas intercalados com textos em prosa, obra dedicada a Beatrice Portinari, foi escrita entre 1283 e 1292, ou seja, iniciada aos 18 anos do poeta. É comum referirem os biógrafos, críticos e historiadores da obra dantesca o fato do poeta haver conhecido Beatrice aos nove anos e nove anos depois haver iniciado o seu primeiro livro. Daí desejam alguns extrair relações cabalísticas.

Beatrice, seu primeiro e verdadeiro amor, vem por Dante definida em seu soneto *tanto gentile e tanto onesta pare* – tão gentil e tão honesta parece – de uma maneira extraordinária, como algo vindo do céu, reflexo da ânsia de ascese espiritual experimentada pelo poeta. Beatrice, tendo esposado Simone de'Bardi, morre prematuramente em 1290, antes, portanto, de Dante concluir a sua *VITA NUOVA*. O encontro com Beatrice, aos nove anos (número do milagre) foi o ponto a partir do qual vai-se operando o amadurecimento humano e poético de Dante, cuja vida é, como ele próprio nos revela, *rinovata dall'amore* – renovada pelo amor.

Dante se revela em *VITA NUOVA*, não obstante a sua pouca idade, o grande poeta lírico do *dolce stil nuovo* – suave estilo novo. Cultivou também as chamadas *rime petrose* – rimas pedregosas, em que demonstra sensual paixão, aqui por outra mulher, como permitia o chamado *amor cortês* da época; em outras palavras, o simulacro, de que se valeram e se valem todos os bons ficcionistas do mundo.

DE VULGARI ELOQUENTIA (Sobre a Língua Vulgar) é a obra em que Dante preconiza o uso das línguas românicas no trato com a poesia. Defende o uso das várias formas do italiano, em lugar do latim. Esta obra representa o primeiro ensaio de filologia italiana, sendo, portanto, mister que se considere o seu autor o primeiro lingüista da Itália. *DE VULGARI ELOQUENTIA*, mesmo tendo sido escrito há mais de 700 anos (entre 1304 e 1307),

representa ainda hoje na mente dos estudiosos de *Linguística românica*, em virtude das abundantes e precisas observações sobre o uso do vulgar (vulgar, aqui, entende-se aquilo que tem uso corrente: ilustre, cardeal, áulico e curial):

“A língua vulgar é ilustre em seu magistério porque a vemos alçar-se egrégia, clara, perfeita e culta de entre um tosco vocabulário latino, de entre uma sintaxe complicada, acima de uma fonética defeituosa e de uma acentuação inculta. [...] É também manifesto como a língua vulgar se encontra engrandecida em seu poder. Na verdade, que poder maior que aquele que pode mudar os corações humanos, de tal maneira que os converte de contrários em obedientes e de obedientes em contrários, como a língua vulgar faz e vem fazendo? Manifesto nos parece também que se encontra encimada pela honra. Seus seguidores não vencem acaso a fama dos reis, dos marqueses, condes e grandes? Isto não necessita de prova alguma. A grandeza de glória que concede esta língua aos seus fiéis seguidores, sabemos-la muito bem. [...] Por todas essas razões, temos que declarar ilustre esta língua vulgar”. (De *Vulgari Eloquentia*, XVII, 3-7).

Dante escreveu, entre 1304-1307, *IL CONVIVIO*, livro que se realizou, essencialmente, para a defesa de sua honra, ofendida em virtude de sua posição contra o papa Inocêncio VIII, que privilegiava a corrente dos guelfos (da casa nobiliárquica Wolf) da política toscana em Florença. O poeta perambulou por algum tempo de cidade em cidade, sempre pensando em voltar, a fim de combater ao lado dos gibelinos (da casa nobiliárquica Wibling) contra a autoridade papal. Nesta obra, Dante demonstra todo o seu saber filosófico e toda a sua maestria na composição do poema. *IL CONVIVIO* representa um banquete.

DE MONARCHIA é obra em que Dante compõe um tratado político, no qual o poeta expõe a suas idéias em face do governo. Chega mesmo a exortar o imperador Henrique VII a marchar sobre Florença, a fim de liberta-la do jugo papal. Este livro terá sido escrito por volta de 1311.

A DIVINA COMÉDIA é, indubitavelmente, a obra prima de Dante Alighieri. Referência, ainda nos dias de hoje, não só para estudiosos, como para poetas e até meros leitores, é o livro capital da literatura

ocidental, do ponto de vista de sua anterioridade e relevância.

O início da *Comédia* retoma o fio narrativo interrompido de sua obra juvenil. A crise espiritual em que se afundou Dante com a morte da sua querida e proibida Beatrice, faz com que ele se veja envolvido num intrincado labirinto de falsos amores e objetivos medíocres. A nova e definitiva reviravolta na vida do poeta se dará, a partir daí, sempre em nome de Beatrice.

O livro deve ter-se iniciado por volta de 1304. É estruturado em 100 cantos, perfazendo 14.133 versos. Cada parte totaliza 33 cantos. O *Inferno* conta, ainda, com um canto introdutório, formando o número 100, múltiplo de 10, símbolo da perfeição.

Na *Comédia*, Dante faz o contrário do que se costuma fazer com as obras trágicas, que começam de forma magistral e faustosa e terminam com o horror: aqui, o estema dantesco é inverso: começa com o *Inferno*, passando pelo *Purgatório* e chegando enfim ao *Paraíso*, com final feliz. Justamente pelo fato de tudo terminar em harmonia, é que Dante chamou sua obra de *Comédia*. A qualificação de *Divina* é acréscimo ocorrido quando da primeira edição veneziana, de 1555. Acredita-se que por modéstia Dante escolheu esse título, não ousando nivelar-se a seus mestres das tragédias greco-romanas. O reconhecimento do seu talento pelos seus epígonos viria, inexoravelmente. Dante é considerado por muitos o mais legítimo e universal dentre os poetas nas línguas contemporâneas, um permanente modelo de estilo para a criação de poesia em qualquer idioma. Segundo T. S. Eliot, a parte final da *Divina Comédia* “é o ponto mais alto que a poesia já logrou alcançar e a que possivelmente não poderá chegar outra vez”.

A obra é toda uma trajetória do homem em busca da iluminação. A experiência da transcendência, da superação, edificada em alicerces firmes e com o arrojo da mais alta e harmoniosa poesia. A purificação da essência humana através do verbo. As fontes de inspiração dantesca são os clássicos da Antigüidade e a Bíblia, entre os mais importantes.

Da *Eneida*, de Virgílio, mais precisamente de seu Canto VI, surge o tema de uma aventureira viagem ao pós-vida. Da *Bíblia*, o Poeta faz uma extração de alguns dogmas. E podemos afirmar que da fusão destas duas fontes, cria-se uma síntese da mentalidade medieval, presente em Dante, mas já com vários anúncios de uma postura racional,

de valorização do ser humano e do regresso aos protótipos greco-romanos, numa antevisão inequívoca do *Renascimento*.

A *Divina Comédia* é composta de um *Prólogo* e três partes nitidamente separadas, conquanto formem um conjunto: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Por esses três mundos de após a morte, caminha o Poeta, resgatado pelo seu mestre Virgílio, ao encontro de sua amada Beatrice, que no *Paraíso* o aguarda.

A *Comédia* caracteriza-se por um forte sentimento moralizante. Nela encontramos uma pura e completa filosofia, tal como a de Spinoza, segundo George Santayana.

Dante utilizou o metro decassílabo, com versos compostos em estrofes de tercetos, a chamada *terza rima*. Queremos crer que a melhor tradução brasileira da *Comédia*, precedida da biografia do Poeta, deve-se a Cristiano Martins.

Inicia-se com os versos

*Nel mezzo Del cammin di nostra vita
Mi ritrovai per una selva oscura
Che la diritta via era smarrita.*

Que na magistral tradução de Cristiano Martins desta forma soam:

*(A meio do caminho desta vida
Achei-a a errar por uma selva escura,
Longe da boa via, então perdida.)*

Alguns estudiosos situam a idade do poeta, quando do início desta obra, por volta dos 35 anos, ou seja, em 1300, já que Dante nasceu em 1265. Este primeiro terceto alude a uma representação alegórica dos vícios e desvios humanos. Dante adentra o *Inferno*, guiado pelo poeta Virgílio, da Antigüidade clássica romana. Uma pantera, uma loba e um leão impedem o poeta de prosseguir, num primeiro momento.

Toda a cena que se desenrola aos seus olhos é uma visão terrífica do lugar aonde vão os ímpios pagarem os seus tremendos pecados. Inúmeras figuras aparecem ante o seu olhar:

De políticos, nobres, de personalidades que, segundo o poeta, pagavam por seus erros.

Destaca-se, ao longo de todo o texto, não só do *Inferno*, como do *Purgatório* e do *Paraíso*, uma severa crítica à Igreja Católica, não hesitando Dante em apontar alguns pontífices como mercedores do fogo do inferno, em virtude de haverem corrompido a fé cristã.

Surge, então, a diáfana figura de Beatrice, no *Limbo* (primeiro círculo do Inferno) a implorar a Virgílio que agisse em socorro de Dante, que se achava na “selva escura”, antes referida.

O *Inferno* vai-se descortinando aos sentidos do poeta, agora já amparado também pela graça de Beatrice.

Não pretendemos aqui fazer uma descrição, ainda que sucinta, do primeiro livro da *Divina Comédia*: não dispomos de tempo para tal. Do *Inferno*, Dante consegue, através da lucidez do poeta Virgílio, alcançar novamente a superfície da terra:

*(Vamos, eu atrás, ele adiante,
Quando, por uma fresta, as coisas belas
Nos sorriram, do espaço deslumbrante:*

E ao brilho caminhamos das estrelas.)

Pela galeria subterrânea, Dante e Virgílio retornam do *Inferno* e alcançam a ilha do *Purgatório*. O local é guardado pelo poeta romano Catão. Também no *Purgatório* há um desfile de vultos ilustres, pessoas ligadas à vida intelectual, política e artística da época e de épocas passadas.

A partir do verso 112 do Canto XXVI, temos vários encontros com poetas notáveis de épocas passadas e imediatamente anteriores a Dante. Mas é o trovador provençal Arnaldo Daniel (c. 1180- c.1200) o que vem louvado com as mais altas palavras em poesia. Após haver sido apontado a Dante,

*“O frate”, disse, questo ch’io ti cerno
col dito”, e additò um spirto innanzi,
“su miglior jabbro nel parlar materno”*

*("Ó irmão", respondeu-me, "aquele à frente"
(e uma sombra apontou, discreta e calma)
"na língua mãe foi que eu mais eminente".*

Arnaldo Daniel dirige-se a Dante em língua provençal (versos 140 a 147):

*El comenciò liberamente a dire:
"Tan m'abellis vostre cortes deman,
qu'ieu no me puesc ni voill a vos cobrir.*

*Ieu sui Arnalt, que plor e vau cantan
Consiros vei la passada folor
E vei jausen lo jorn qu'esper deman.*

*Ara vos prec, per aquella valor
Que vos conduis al som de l'escalina
Sovenha vos a temps de ma dolor!"*

Pois s'ascese nel foco chje li affina.

*(E sua voz se fez, então, ouvir:
"tanto me penhoraste me saudando,
que não posso nem quero me encobrir.*

*Sou Arnaldo, que choro e vou cantando:
Medito no passado e torpe ardor,
A salvação futura prelibando.*

*E ora te exorto, pelo grão valor
Que te conduz ao cimo da escalada,
Que te recordes lá da minha dor!"*

E se escondeu, também, na chama alçada.)

O poeta trovador Arnaldo Daniel, considerado o maior do seu tempo, era exímio no chamado *trobar clus*, a forma hermética de composição trovadoresca, em oposição ao *trobar leu*, a maneira mais fácil de compor. Arnaldo Daniel foi cortesão de Ricardo Coração de Leão.

Para que se verifique a sua ascensão ao *Paraíso*, Dante invoca o deus Apolo e, ao lado de Beatrice, sente o poeta que já adentrava a aura luminosa, rumo ao céu. O poeta chega à Lua, ou seja, o primeiro céu. No Canto V do *Paraíso*, o poeta recebe de Beatrice o ensinamento de Platão de que as almas retornam, com a morte, às estrelas de onde são originárias: está é uma bela passagem do livro.

Os últimos versos do *Paraíso* (139 a 145), nos configuram a ascensão do Poeta:

*Mas não bastava ao vôo minha plumagem;
E súbito um relâmpago eclodia,
Que me aclarou, na lúcida viagem.*

*Aqui findou, sem força, a fantasia:
Mas já ao meu querer soltava as velas,
Qual a roda, co' o moto em sincronia,*

O amor que move o sol, como as estrelas.

A tradução é de Cristiano Martins (Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Vila Rica, 1991)

Para encerrarmos estas notas, desejamos mais uma vez enfatizar o valor e o significado maior da obra de Dante Alighieri, destacando dentre os seus livros a *Divina Comédia*, monumento da literatura universal que todos nós devemos conhecer, a fim de que tenhamos como aquilatar toda a repercussão que fez incidir sobre os poetas epígonos de Dante Alighieri, valendo esta afirmação também para os dias atuais, malgrado a moda da incultura que grassa em nosso tempo, mas que haverá de ser superada pelos valores imorredouros da cultura, em todos os seus níveis.

Concluindo, transcrevemos o poema "Dante", de Marin Sorescu, que tivemos a honra de trazer para a nossa língua:

DANTE

*A Divina Comédia, pirâmide errante,
Levemente inclinada para a eternidade,
Ouço-a à noite quando há luar,
Deslizando suavemente sobre a areia,
Um milímetro por ano para lá ou para cá,
Sem pressa nenhuma.*

*E lá dentro,
Hermeticamente fechado como em si próprio,
Está o Faraó.
Embalsamou sozinho todos os seus conhecidos,
Os seus parentes ou os de quem só tinha ouvido falar,
Metendo a mão
Debaixo das pedras brancas da Antiguidade*

*É terrível um mundo mortal à tua volta!
E ele os embalsamou
Para não ficar também sozinho na eternidade.
Tudo o que aconteceu na terra
Amontoou em sua arca.*

*Nove céus de pecados, nove de espera,
Nove de ilusões,
Todos cheios até a borda.
E no meio deles,
Está Dante.*

*Olha o Inferno, o purgatório e o paraíso,
E quando se aborrece, muda a tabuleta:
A do inferno põe no paraíso
E vice-versa.*

*E isto, várias vezes,
De forma que os pobres mortais
Já não sabem onde estão.
E cala-se Dante até que as veias das têmporas se inflam,
Empurrando de dentro a pirâmide
Que avança, lentamente, sobre a areia,
Um milímetro por ano para lá ou para cá,
Sem pressa nenhuma.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 6 ed. Trad. Cristiano Martins. 2 vol. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

SORESCU, Marin. **Razão e Coração. Poemas**. Trad. Luciano Maia. São Paulo: Giordano, 1995